



30 ANOS DE POESIA
EM

± 20 INÉDITOS OU VERSUS / FABRICADOS COM

+ 20 GRAMAS corrigidas a punho pelo próprio J. A. Correia Martins



Capa de:

- 1 — *Graça e João Correia Martins, com a paciência do meu sobrinho Jôni que suportou o tempo que lhe roubamos aos seus.*
- 2 — *José Carlos Sarmiento Pereira como autor da partitura.*

Barcelos, 22 de Dezembro de 1999

Para ser arquivado na Biblioteca
Municipal da nossa terra.

Julgo ter estudado originalidade entre
os poetas barcelenses com o automatismo
psíquico, com que se elaborou "poesia pura",
na senda de André Breton, nos Salões
Gratos, [des Verda dize Pesadelos
Almeida Matriz]

Quanto a erros de linguagem, p. f. consultar:

- «PSICOPATOLOGIA E SAÚDE MENTAL» — Aires Gameiro (dr./prof.)
- «ESQUIZOFRENIA» — Thomas Sahaz (prof./dr.)
- «LA REVOLUTION TRAHYE» — Leon Trotsky
- «TROTSKY» — Victor Serge
- «A SUPERIORIDADE MORAL DOS COMUNISTAS» — Álvaro Cunhal (dr.)
- «NEUROSE DE ANGÚSTIA» — João dos Santos (prof./dr.)
- «O NOME DAS COISAS» — Zita Seabra
- «MANIFESTO SURREALISTA» — André Breton
- «ENAMORAMENTO E AMOR» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «AMIZADE» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «EROTISMO» — Francesco Alberoni (prof./dr.)
- «O EROTISMO» — Arnaldo Saraiva (prof./dr.)
- «SIMPÓSIO MÉDICO / 1990» — p. f. nas Farmácias
- «BÍBLIA» — Monsenhor Prior — Sacristia da Igreja Matriz
- «DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «LAROUSSE» — Biblioteca Municipal de Barcelos
- «O ENFARTE DO MIOCÁRDIO E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO» — Rui Mota
Cardoso (prof./dr.)
- «DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS» — Biblioteca Municipal de Barcelos.



Barcelos
Peru.

Obras do autor tuteladas pela S. P. A.:

«*A Seiva*» (conto) — 1973 — Não publicada por ~~absol~~absol^oeta

«*Estrada para o Inferno*» — 1974 — Romance a publicar

«*A Lágrima*» — 1956-1973 — Colectânea de poesia lírica e ~~absol~~absol^oeta a não publicar

«*O Soldadinho*» — 1975 — De orientação neo-realista (poesia épica 25/Abril/74 até ao 24/Nov.)

«*É a Bala é um Poema é uma Flor*» — A publicar (de orientação neo-realista)

«*30 Anos de Poesia ± 20 Inéditos ou Versus/Fabricados*» — 1990 — publicada em edição pessoal

«*Inéditos*» — diversos publicados de 1971 a 1983 nos jornais:

«O Cávado» (Esposende) — 1971/72; «O Barcelense» (Barcelos) — 1964/76; «O Jornal de Barcelos» (Barcelos) — 1974/76; «O Vinte e Cinco de Abril» — 1975; «O Barcelos Popular (Barcelos) — 1980/83.

Citação transcrita da revista que é nossa

AUTORES (ÓRGÃO DA S. P. A.)

«O autor é um «bicho» estranho, pertinente e impertinente terráqueo e, por vezes, maldito, mas geralmente tido como sagrado. Um «motor» que gera múltiplas energias transformadas em imaginário. Uma «antena» privilegiada, capaz de captar milhentas coisas. Um «ladão» subtil que surripia quanto há que lhe pareça digno de nota e que transforma sob uma nova perspectiva, acrescentando ou retirando, ou mesmo invertendo, segundo a sua inteligência, contaminada pelo impulso interior da intuição, capricho ou humor.

O autor é aquele que toma posse, e que faz com que as coisas do mundo pareçam suas, é como um espelho deformador que reflecte até ao infinito, em nuances tão diferentes como semelhantes.

Falar da invenção é ascender ao privilégio daquele que dá ao outro, a parte ou o muito que já era do mundo, pelo filtro que faz com que seja de autor aquilo que pertence a todos.

O autor, sendo público, é o mais solitário dos homens sobre a terra e, no entanto, vive integrado no mundo, a bem ou a mal. É um homem vulgar com um sentido invulgar. Ele é e não é. Ele é sem querer sê-lo. Ele é, por força de uma vontade que o supera. É, porque é dotado. É, porque é marcado. É, porque é predestinado. E, sendo-o, ele é como que absorvido pela própria obra. Deixa de ser ele para ser as suas personagens, deixa de ter vida própria para forjar novas vida, novas histórias e novas coisas.

É, enfim, um deus que cruza nas ruas com gentes de todos os dias, que coabita aqui e além, como se estivesse ausente. Tão ausente quanto a sua presença. Ele está e não está. Está fora dele e dentro de si ou dentro das pessoas, ou da vida das coisas e do que cintila no ar e no espaço.

Não é ele que vai ter com as coisas, são estas que vêm ter com ele. Ele está expectante e aberto, pronto e disponível. Ele exprime o seu «sentir» como a flor abre no jardim, ou canta a ave no bosque.

Não procura quem ouça ou veja o que tenha de força ou de delicadeza, de belo ou de fealdade, de pensamento ou de contradição no que mostra representado, seja ele filósofo, ou músico, ou pintor, ou literato. Ele espera, espera pacientemente como o livro no escaparate, como o quadro pendurado na parede, como uma estátua ao cimo de uma escada, como um «écrã» mágico no fundo de uma sala escura. Espera, como espera uma rosa num canteiro, o sortilégio que faça com que alguém passe, pare e a admire, ou a colha, mas que a respeite integralmente, tal qual veio ao mundo, sem a mutilar, ou a deformar.

O autor, porém, não existe, senão para a flor que o assinala («olhai os lírios do campo...»). Isto é, o autor, pelo dom d'Outro Autor, existe diluído na sua obra, circunstância das circunstâncias, tradição das tradições, elo da corrente de um rio imparável, espelho da vida, reflexo de Deus — com o diabo à mistura!»

MANUEL DE OLIVEIRA

Sobre o dia 22 de Maio, dia do Autor, in *Revista Autores* — Março/90

«palavra...

I — SALMOS DAS VERDADES E PESADELOS

ah a convulsa pirâmide
testemunho apontado a deus — no deserto
dignificado pelo uivo-luz da matéria tabu
que só ela dá brilho ao alvo açúcar e
só o velho operário refinheiro sabe confidenciar.

... é sangue»

«duas aleixadas...
(um figaro)

— Portugal mê Portugal
minha laranja sem sumo
— de virgem no feudalismo
«fair' trottoir» no consumo?

— se
é é?!
— referendo:
urge!

... *cavaqueando*
(um vígaro)

«... *palavra do senhor...*
(um filho da mãe)

a José Luís Judas
futuro secretário-geral da Central Sindical Única

extraído o coração aos membros
os alunos dissecaram-no
os juízes — de valor — mulheres-senhores das
verdades todas computadorizadas em cassette
cacetaram no seu sorriso com o real martelo
de silêncio,
e ele aluno de pedagogia ainda hoje indaga:
— será assim tão perigoso um coração louco tão longe
dos judeus?

... *professor sindicalizado n.º 23.121/74, hoje na C. G. T. P.*
(um filho do pai e da mãe)

«... Olhai os Lírios do Campo...»
(E. Veríssimo)

oh verdade
meu carnavalesco paraplégico na vertical
passo a passo
arrastando as quatro rodas do seu maseratti a sorrir
oh meio mundo handicapado a pintar realidades
nos painéis de vento
do analfabetismo
do arame
oh minhas pérolas lançadas aos mares demasiado fundos
demasiado verdes.

«... poeta só é grande se sofrer...»
(Vinicius de M.)

«...em momento de solidão surge, versus / morte, da obsessão, ...
(um psicopata)

emergindo da tese-realidade
o artista age catatónico
mudo nele
emanam-lhe do sangue antitéticas formas

sem vertigem sólido
em viagem anti-ácida sempre apaixonado
conclui — não consigo amar a dois senhores e continua

sem a lisérgica dietilamida o ter urgido só
exactamente só espelho do mundo
sempre entregue à turba — que passa —, louco.

... o amor universal
(um surrealista)

«Só o poeta que é médico de si próprio...
(um homem que se masturbou)

Só

se reflectir permanentemente só
vasculhando oiro e humus
só
com os pneus desgastados pelo todo-terreno
com os fundilhos gangrenando de escutar novas vidas
só
e tão distante da solidão.

... se apercebe sobre o seu vazio de razão»
(uma mulher que se conhece)

... o povo português, de tanto viver escravizado...
(Otelo S.)

— aos factos hodiernos
ó dios
de...
— Bukharine?

... tem medo de tomar a liberdade pelas próprias mãos)
(de Carvalho)

*«doutorado que fui
na universidade da esquina...*

aos manipuladores de situações políticas

... ego caçador...

... como vi tordo cego

*... larguei a caçadeira e
peguei na concertina»*

«... *palavra do senhor...*
(um fariseu)

Ao S.I.S., à CIA, ao MOSSAD, à Judite, aos bufos,
à polícia particular dos paranóicos, etc.

— a conversão da santa Rússia
caríssimos irmãos
«bê-de-la»

— ao «~~komenismo~~» «*Khomeinismo*»?

... à mãe»
(uma solteira)

*«mais vale viver só num canto do eirado do que
com uma mulher iracunda...*

(Evangelho seg. S. Mateus)

A Leon Trotsky que urge
repensar para evitar sangue

- os nevus que ambos somos no
mesmo lado das nossas ambas testas
la da «Revolution Trahie» a ambos ter urgido
Gorbi
- ou nem o teu deus
terá lugar para ti no inferno dos dementes e
muito menos no azul fábrica dos
traidores

«e p'ra não invocar CHE em vão...

à «velha senhora» ainda viva
no tabu clerico-social

- Há fogo!
grita a ti domingas aterrorizada
abrindo a boca
qual caverna desdentada lançando lava
que caindo
logo algo empederniu
- fogo! fogo!
berra a velha destravada correndo aos saltos
agarrada a um pau corcuvada
por entre as sebes do jardim
derdejando sobre nós o olhar
de jamais copulada
- fogo! fogo!
veio o povo todo a correr
e deu connosco quase a arder
- fogo! fogo! fogo!
raio da beata frustada
mais a mãe que a pariu.

... valha-nos S. Freud»

SA
«Sá de Miranda introduziu o soneto romântico...»
(um historiador)

às calúnias dos
invejosos da arte

Boisinhos a arfar por histéricas cornetas
dobram. E, gargalham rebos de mui pesar
na hora d'el mijo — defecando impotências
por excesso de anus: hora de verdad!

E o tónus das goelas ungidadas com esmegma
estoira as ampolas de cheirinho a saudade.
E abraça o maldito. E o maldito sem culpa.
Pinchazzos de latrina! Em queda do tostão!...

Ruídos de calos dinamizam danças
em sprays de stéreo! E a gaivota de luces
crava uma farpa no fino saber...

.....
.....
.....

«... também na idade média o cabeleireiro era o doutor»
(um inconveniente)

«por deontologia de hipócrates só posso diagnosticar-lhe demência precoce...

(um eunuco)

aos magos do anti-psicodrama

.....

— Tenho de te elucidar, Zuleika:
o pior da tua maleita é nunca veres o sol,
é estares de malas feitas a caminho de Belzebu,
se mensalmente não fores seringada no cu por mim,
mago Anatensolius, ou por meu delfim Aldolius;
pois tu, menina, além de teres o sangue deficiente de serotonina,
para seres normal, terás de ter portar como minha esposa
Geraldina que é pacata, obediente e, desde criança, não mente ao
senhor prior como fazes tu...

— Mas Senhor, você snifa dopamina da sua mãezinha, e, como
todos os magos, a gente sabe, rouba um charro de acetilcolina
à sua cara-metadezinha e eu já estou a ficar fotina com esta
rotina de vir de três em três meses largar a minha notinha
na sua consultinha, e, ainda por cima você me quer
cravar uma farpa no nadegueiro em festa brava mensall...

— Mas, menina...

— Não! Cale-se. Deixe-me agora pensar: a estatística ensina,
quem mais abraça Mefistófeles, por não aguentar o sol de
todos, é, primeiramente o barão de branco que mete o indicador
para ver se a gente bina e — diz o louco da esquina — que é por ~~desiquilíbrio~~ *desequilíbrio*
de serotonina; em segundo lugar # dizem as ciências por vós ocultas — que
os sequentes no gráfico da passagem para Brazabum, os que voam dos
sétimos andares para o Além, são certos varões da psique fina, por razões
de família que não ensina.

— Mas, menina, esses é por stress da medicina, não por maleita de herança,
de família que ambiciona brasão, Rolls-Royce e piscina...

— Mas que raio de confusão é esta, em que o senhor é
que sempre se põe e a gente é que sempre se deita?!

— É que a estatística é uma ciência imperfeita, menina...

— É é! A vossa ciência de dominada pela cocaína exige agora
sempre maleita dos que gostam da concertina.

.....

... ou «ESQUIZOFRENIA»
(Thomas Sahaz)

II — LADAÍNHAS DAS REALIDADES EM ANALEPSE

«O louco da minha rua
riu-se da revolução popular.

Mas não ficou satisfeito:
fez espavento na praça!

...E arrancou uma cruz do peito!...

Numa mão uma foice brilhava...
Mas n'outra era o martelo candente!...

... Seu calmo olhar gritava
Revolução Permanente!!!

E juntou-se muita
muita gente!...»

Barcelos, 25 de Abril de 1974

e reli:

«Anseio galgar os montes
sorver toda a água das fontes
e rebolar-me por pinhais

sangrar-me em silvas e cardos
desdobrar-me em peobardos
e correr sempre mais

camuflar-me com mimosas
e disparar cravos e rosas
no peito de toda a gente

e em caminhos ~~caminhitos~~ sem asfalto
ver ~~e os~~ homens sem pé descalço
a lançar muita semente

ter rimas sempre a surgir
muito vinho que há-de vir
e carradas de pão loiro

esquecer paixões e guerras
e divulgar por essas terras
que só o trabalho é tesouro

ter mente punho e ter unhas
quem saiba minar as cunhas
da engrenagem já sem dente

muita ideia-força e frase
prá frente ninguém as atrase
já que o povo está doente

ter encantos de ciganos
mas deixar de ser mundano
e amar alguém mais que a mim

ser ~~o~~ rei e senhor desta ~~trampa~~ *banca*
vender cornos feira franca
e cortar toda a erva ruim

ver povo novo e o já velho
negro amarelo ou vermelho
mas só o suor a render

as foices a ceifar bem
martelar a música num requiem
e todo um povo a reger».

Esposende, Maio de 72

e daí

reflecti...

«A pequena burguesia, só depois de suicidar-se
como classe pode ser o sucedâneo da vanguarda
revolucionária».

«Amílcar Cabral»

«Eu sou sangue, sangue burguês;
veio de meu pai e de minha mãe amados
e é o dos meus irmãos

sangue igual ao de muitos vós.

Mas eu quero que primeiro jorre o meu sangue,
que depois, um a um, chegará a vossa vez.

E quando este sangue, impuro e doente num dia de sol,
Se extravasar de mim,
Serei homem exangue a pedir transfusão:

Pedirei sangue às prostitutas,
Aos operários a prazo
Aos jovens já rotulados
Até aos mortos pela fascista guerra;
Sangue esse, que com alegria todos me darão!

Então serei puro, então serei homem, então serei gente, veraz militante
P'ra que não jorre mais sangue nesta sanguinária estagnação.»

Porto — Agosto 73

*...e procurei, dia a dia,
cumprir*

intervir, mas...

«Cá no cimo panorâmico do meu octogésimo andar
acorda-me o tremelicar das crianças pela rua, nos baixios,
ainda é noite e são sete da matina,
porque criança, muitas vezes o leitinho me ia à cama, com manteiga
mais o pãozinho, muitas vezes, e bem passava — velhos tempos! — já das sete da matina.

De cá de cima do meu prédio com elevador
limpo o nariz farruscado das crianças
e amargo o seu hálito feito de álcool a orlar
pela escadaria seus cabelos de odor a fumo,
porque criança, no automóvel, amiúde me faltava o ar,
ou fumava charros barba-de-milho para chatear a minha mãe
pois na quinta, haxe, aos nove anos, não havia.

Cá de cima, protegido dos elementos, olho o vento
a fazer calar os estudantezitos
arrumando-os em pavilhões como pintaínhos proibidos
de cantar mais alto que a galinha.

Cá de cima, e em dias de nuvoeiro,
ainda vislumbro aquele mostrengo de há trinta anos,
sistemizado em alegria das crianças
que mal nascia logo morria num só dia,
dia chamado de natal dos pobrezinhos.»

Barcelos — Maio, 83

... porque, — não pactuando, mas triste — continuarei a ver

além douanes...

«Derramavam» Derravam sangue pelos seus vértices,
sobre lábios vampiros de verdade,
esses negros olhos, tão vítreos, a florir olhos pelos dedos!

Naquela noite desaguada em luz
Sacré Coeur via Montmartre.

E duma saliva candente, iam surgindo Aztecas, Maias e mais Gentes
pela lua burguesa das meretrizes a benzerem-se
e dos proxenetas catapultando moedas sobre os pintores
da noite, em Montmartre!»

Paris — Junho, 83

... a mesma merda a feder,

logo que as lágrimas...

ao meu filho Nuno

«Não tenhas pena meu traquina
desse cara que aquece e incha
e enrubesce à falta de amor:
desse dar à luz que só tu.

Salta essa fasquia da vida
e amanhã voas mais alto
num azul azul de traquinas
onde nem sequer há fasquias.

Salta. Corre e salta traquina
que amanhã não haverá loucos
— Não tenhas pena dos loucos —
pois os loucos são o amanhã.

Não vês que o cara não chora?
Até faz cara de mausão
quando cospes no chão
e logo a seguir faz-te rir.

E quando te sovam e choras
não dá murros no ar rente a ti?
E se emperras em não comer
não rosna e trinca até rires?

Corre corre meu traquina!»

Famalicão — Maio, 87

...se soltaram,

à Sara, minha afilhada

«Criança amiga, meu amor,
teu olhar funde o mais xistoso ser
pois tu sabes tudo embeber de ternura e
tudo adormecer nas hidranjas do canteiro
Teu corpito, em desequilíbrio pelos ventos
químicos da verdade, mais uma vez me faz
voltar a ti, a ser menino, compreender as
pessoas e escacar deuses e idólatras!...
Teus aflitivos dissílabos recordam-se a
garganta mais um garrote no futuro, sempre
que acenas um porquê aos barcos ancorados,
lá longe, a esconderem-se na bruma,
para à noite, licenciosos, rasgarem os céus
com os mastros fecundando a lua, que só promete.
Teu palpitar de avezinha ferida irriga-me
em todo o meu ^{Asmo}sono e assim eu pedalo,
protegido do frio pelos teus cabelos de
sal, humedecidos nas minhas faces
crestadas de enfrentar a sorrir
os deuses e os idólatras desta margem.»

Esposende/12 Agosto 1982

*...a quem me inspirou,
na hora exacta, agradeço.*

Composto e impresso:
Companhia Editora do Minho
BARCELOS

ERRATA

Página	Linha	Leia-se:
4	2	...obsoleta
4	4	...obsoleta
4	10	...Abril/74(Barcelos)
8	3	...a José Luís Judas...
8	4	...Central Sindical Única`
12	2	(Otelos.
12	6	...Boukharine...
12	8	de Carvalho)
14	8	...«Khomeinismo?»...
16	3	...clérigo-social...
17	1	— romântico!!!...
18	25	...lugar dizem — as ciências...
18	34	...cacaúina...
19	6	transpondo arranha-céus...
21	8	e correr sempre sempre...
21	27	...cigano
21	37	mart`lar...
23	6	passavam — velhos tempos...
24	2	«derramavam...
25	8	amanhã já não...
25	13	— Não! Não tenhas pena...
25	15	Não vês que o cara já não chora?
25	17	quando vais e cospes...
25	22	vai e não rosna...
25	23	Vem! Corre corre...
26	10	...recordam-me...
26	17	...somo...

VER NE ANOR OH NINA TOE EN NIN BRERH - DA
 PRA TI SEI BEM O DOAVIDO VA - LEANTINA VI - DA N

CANECUNSO TI HO QUE ME VRE EN FLOE SE NENITE EN TI
 FOLDE ANOR NOSA SUREI - DA
 NAO VAS EN BR - BA SERA A BODA A VE FE

RI - DA PARA VOAR PRECISO ASAS NESTA
 I - DA NESTE NEU
 PUNHO DE FIC - NAL DE TANTAS A - NOS SÓLDADO TPA

NIN E TADA TT PAUA LOUIT - DA
 SE ANIDA
 DUDA SEMPRE SEMPRE
 NOLTA PRO PAZ E LASCER VER VESTI DASSIM NA NINFA

2 - DA
 NAO GREGOS
 NHO SOBRE BRAMA E LUCIA DRAVA NEU ANOR EN NENITE CE JA BANDEIRA DA NOSSA VI - DA

MORADA - RUA DA MADALENA Nº 31
 4750 - BARCELOS
 TEL. 82778

biblioteca municipal barcelos
 27059
 30 anos de poesia em + - 20 inéditos ou versos / fabricados